



Foto: Marina Cruz

POPULARIZAR A CIÊNCIA TAMBÉM É TRABALHO DO IF

Estudantes do ensino fundamental em visita ao Museu Florestal Octávio Vecchi

As responsabilidades do Instituto Florestal não ficam restritas a produzir conhecimento e atuar na preservação e recuperação ambiental paulista. Fazer com que sua produção científica chegue, de forma acessível, ao maior número de pessoas possível também faz parte de suas atividades. São publicações, como o próprio **IF Notícias**, palestras, acervos em museu e biblioteca, e serviços que informam e buscam fazer com que a população entenda e compreenda o conteúdo das pesquisas desenvolvidas no IF. A Ciência está no cotidiano das pessoas. O que falta é ajudá-las a enxergar isso, deixando de lado a imagem de algo complicado e para poucos. Popularizar a Ciência é uma tendência mundial, um processo contínuo em que o Instituto Florestal está inserido. *pág. 3*

NOVA ESPÉCIE É DESCOBERTA

O pesquisador científico do Instituto Florestal, João Batista Baitello, em parceria com o mestre pela Universidade Federal do Paraná, Marcelo Leandro Brotto, descobriu mais uma espécie de árvore da Mata Atlântica. A *Ocotea marumbiensis* Brotto & Baitello ocorre em uma faixa entre 700 e 1.230 m de altitude da floresta atlântica dos estados do Paraná e Santa Catarina, região Sul do país. Bastante rara, corre risco de extinção. *pág. 8*

CNPq: INCENTIVANDO A DIVULGAÇÃO

Em entrevista ao **IF Notícias**, o Diretor no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Paulo Sérgio Lacerda Beirão, afirmou que os cientistas têm de levar para a população informações e conhecimento que estejam próximos do cotidiano das pessoas. Ele também falou sobre as alterações no Currículo Lattes, que agora aceita blogs e redes sociais como divulgação científica. *pág. 5*

Nesta Edição



Plano de Manejo da Floresta Estadual Serra d'Água. [pág. 7](#)



Cursos de prevenção e combate a incêndios em Angatuba. [pág. 6](#)



Da sala de aula para o Horto Florestal. [pág. 6](#)

APROXIMANDO PESQUISA E COTIDIANO

Foto: Paulo Muzio



A produção científica ganha um sentido especial se, de alguma forma, estiver presente no cotidiano da sociedade. E uma das formas de levar esse conhecimento para a população é divulgar o trabalho dos pesquisadores através das mais diversas formas. São museus, palestras, publicações impressas e digitais, incluindo blogs e redes sociais, que cada vez mais permitem às pessoas, leigas ou não, se apropriarem da informação produzida em universidades e institutos de pesquisa como o IF. Esse é o tema da matéria de capa e da seção Opinião deste **IF Notícias**.

Não deixe de ler também sobre a descrição de mais uma espécie de planta da Mata Atlântica pelo pesquisador científico do Instituto Florestal, João Batista Baitello e sobre o amplo trabalho de nossos profissionais na elaboração do Plano de Manejo da Floresta Estadual Serra d'Água (Feseda), em Campinas ■

Miguel Luiz Menezes Freitas
Diretor Geral do Instituto Florestal

Aconteceu



■ A Estação Experimental e a Estação Ecológica de Itirapina realizaram, em 9 de agosto, o primeiro *workshop* regional para discutir monitoramento da fauna silvestre. Em continuidade às ações previstas no protocolo elaborado no encontro, o IF iniciou, em 6 de setembro, uma pesquisa com a Universidade de São Paulo (USP) para produzir material didático sobre a fauna regional baseado nas ocorrências de animais mortos nas duas áreas protegidas e no entorno.

**FLORESTA
ESTADUAL DE
AVARÉ**

■ As obras da barragem do lago da Floresta Estadual de Avaré, que cedeu em 2009 devido às fortes chuvas, ficaram prontas em 28 de agosto. No dia seguinte, o vertedouro de fundo foi fechado e iniciou-se o enchimento do lago, que foi concluído em 9 de setembro e devolvido à população com uma estrutura mais sólida e segura que a anterior.



■ Representantes do IF que atuam junto aos comitês de bacias hidrográficas paulistas participaram, entre 10 e 13 de setembro, do X Diálogo Interbacias de Educação Ambiental em Recursos Hídricos, em São Pedro, interior do Estado.



■ O pesquisador científico do IF, Geraldo Antonio Daher Correa Franco, recebeu da Polícia Militar, em 21 de setembro, a medalha de Honra ao Mérito por Serviços Prestados. A homenagem foi o reconhecimento por sua pesquisa no levantamento florístico na floresta urbana da Invernada do Barro Branco da Polícia Militar, realizado durante 2006 e 2007.

Seção de Madeira

■ O IF realizou na sua sede em São Paulo, de 24 a 28 de setembro, mais um curso de Identificação Macroscópica de Madeiras, desta vez para técnicos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e das coordenadorias de Biodiversidade e Recursos Naturais (CBRN) e Fiscalização Ambiental (CFA) da Secretaria do Estado do Meio Ambiente.

Expediente

IF Notícias é uma publicação trimestral do Instituto Florestal. A reprodução das informações é permitida desde que citada a fonte.

SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS: Diretora Priscila Weingartner. **EDITORA-RESPONSÁVEL:** Leni Meire P. R. Lima. **EQUIPE EDITORIAL:** Isabel Nunes, Paulo A. Muzio e Yara C. Marcondes. **JORNALISTA:** Dimas Marques (MTb 26011/SP). **PROJETO GRÁFICO/ EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:** Leni Meire P. R. Lima e Dafne H.T. dos Santos. **COLABORAÇÃO:** Alexsander Z. Antunes, Ana S. R. M. Neves, Bárbara H. S. do Prado, Carolina C. Soares, Eduardo Luiz Longui, Israel Luiz de Lima, João B. Baitello, João Regis Guillaumon, José Luiz de Carvalho, Kátia Mazzei, Marina Cruz, Marina M. Kanashiro, Maurício Ranzini, Natashi A. de Lima Pilon, Natália F. de Almeida, Octavio C. Salles, Paulo Sérgio L. Beirão, Rachel S. Ferreira, Ricardo G. Montagna, Roselaine B. Machado, Suzetti L. G. da Silva, Valdir de Cicco.

CTP, IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Imprensa Oficial do Estado.

ISSN: 2238-7471. **TIRAGEM:** 2.000 exemplares. Distribuição gratuita.

CONTATO: Rua do Horto, 931 CEP 02377-000 São Paulo SP

Fone (11) 2231-8555 ifnoticias@if.sp.gov.br www.iflorestal.sp.gov.br





Público no auditório da sede do IF em São Paulo durante palestra

INSTITUTO FLORESTAL: LEVANDO A CIÊNCIA PARA A SOCIEDADE

A distância que separa o homem comum da Ciência é um dos grandes desafios que envolve a produção científica. Para a maioria da população, o saber produzido em institutos e universidades parece, e muitas vezes é, algo complicado e desvinculado do cotidiano. A quebra dessa barreira apresenta-se, cada vez mais, como um desafio para os cientistas – palavra esta que, por si só, cria a imagem de uma elite intelectual isolada em laboratórios e cercada de livros.

Mas muitos esforços estão sendo realizados para deixar o conhecimento científico mais acessível e compreensível a todos. É uma tendência mundial. E o Instituto Florestal está inserido nesse contexto. Afinal, para que servem as pesquisas senão para melhorar e facilitar a vida?

Dentre as ferramentas de popularização e divulgação da produção científica, que o IF possui, estão o **IF Notícias** (começando seu quarto ano) e o site da instituição. Em linguagem de fácil compreensão e tratando de temas relevantes do dia a dia, esse periódico trimestral e a página da internet divulgam as últimas pesquisas realizadas, eventos como palestras e cursos e tudo o que acontece nos laboratórios e áreas protegidas do IF.

E por falar em palestras, uma das iniciativas mais tradicionais do IF é o Ciclo de Palestras, que procura apresentar, discutir e divulgar questões relacionadas ao meio ambiente. Além dos pesquisadores do Instituto Florestal, cientistas, acadêmicos e profissionais das mais diversas áreas, como o geógrafo Aziz Nacib Ab'Saber, já passaram pelo auditório da sede, em São Paulo, para abordar diversos temas atuais como o novo Código Florestal e os serviços ambientais, os

impactos de rodovias sobre a paisagem e a fauna silvestre, e tantos outros.

Museus talvez sejam a forma mais conhecida de promover o encontro entre a população e a Ciência. No Parque Estadual Alberto Löfgren, na zona norte de São Paulo, está instalado o Museu Florestal Octávio Vecchi, também conhecido como Museu da Madeira, que mantém um acervo composto por mostruário de sementes, mostruário de pranchas de madeira com entalhes de folhas, flores e frutos, mobiliário, assoalho e forro produzidos com madeiras nativas, xilogravuras, alrunas e objetos de arte utilitária confeccionados com charão. No Museu também são realizadas diversas exposições.

A partir da década de 1970, o IF começa a implantar, em suas áreas protegidas, estruturas para desenvolver com os visitantes o trabalho educacional que antes era feito predominantemente pelo Museu. Esses espaços educadores se intensificam na década seguinte, quando a Educação Ambiental passa a ser disseminada.

O IF ainda conta com uma biblioteca aberta ao público, na sua sede em São Paulo, com acervo de 2.340 volumes de livros, 455 títulos de periódicos e aproximadamente 4 mil fascículos, além de publicar livros, manuais, cartilhas e pôsteres para atividades externas e internas da instituição.

O Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC), com quase dois anos, foi uma das últimas ferramentas do IF para ampliar seu contato com a população. Embora também preparado para receber sugestões, críticas e reclamações, ele é bastante procurado na busca por informações sobre pesquisas e atividades da instituição ■



Foto: Ana Stella Ribeiro Medeiros Neves

As áreas protegidas do IF são utilizadas como espaços educadores

por Dimas Marques, jornalista do IF Notícias

Tinha acabado de ingressar em um órgão da administração pública responsável pela gestão de Unidades de Conservação. Minha função, Assessor de Comunicação. Apesar dos então mais de quinze anos de carreira como jornalista, era minha primeira experiência fora de uma redação. E logo na segunda semana de trabalho, fui chamado pelo diretor responsável pelas finanças do órgão para uma reunião com o dono da empresa que estava construindo o site da instituição.

Site muito bonito. Gigantesco e com tantas páginas que arrisco a chamá-lo de portal. “Mas tem tantos problemas e tanta coisa a ser feita, que vai dar uma trabalhadeira para acertá-lo”, falei baixinho comigo mesmo.

Ao entrar na sala do diretor, fui apresentado ao dono da empresa que, após um largo sorriso, já soltou:

– Para tudo o que você precisar, consigo gente para fazer. O importante é ficar perfeito.

– Preciso de gente para refazer a maioria dos textos que estão publicados e para escrever tudo o que falta. E olha que não é pouco. O diretor só nos observava.



Ilustração: Paulo A. Muzio

– Aqui, disse o dono da empresa, vocês têm especialistas, mestres e doutores que vão produzir os melhores textos. É só pedir para eles.

– Uma coisa é produzir texto científico. Outra é texto jornalístico; é texto para um site que tem leigos como público.

O que ouvi logo depois foi o suficiente para me jogarem em uma das jornadas profissionais mais solitárias e cansativas que já enfrentei. “Não se preocupe. Damos um jeito”, sentenciou o diretor.

A partir daí, recebi textos sobre Unidades de Conservação que começavam pela formação dos diferentes biomas há sei lá quantos milhões de anos ou com a história da ocupação da região. Tudo perfeito, extremamente informativo, mas chato. Quem acessa um site de instituição pública quer informação rápida e prestação de serviço.

Nunca reescrevi tantos textos na minha vida. E nunca recebi tantas reclamações dos autores. Afinal, para os gestores das Unidades de Conservação e para os pesquisadores do governo, o publicado era superficial.

Senhores pesquisadores, atenção. O simples nem sempre é superficial e o complexo nem sempre é compreendido ■

Entrevista

NOME | Natashi A. de Lima Pilon

FUNÇÃO | Estagiária/bolsista

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)

Duas vezes primeiro lugar no Seminário de Iniciação Científica, desenvolveu em seu estágio no IF um fascínio pelo Cerrado



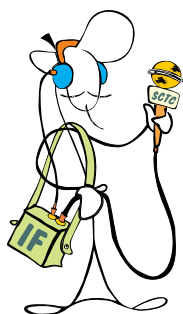
IF Quando e como começou o seu vínculo com o Instituto Florestal? Comecei meu vínculo com o Instituto Florestal em 2008, na Floresta Estadual de Assis, no primeiro ano de faculdade. Na época, era bolsista de uma faculdade particular. Uma professora indicou o Instituto Florestal e disse que aceitavam estagiários. Então entrei em contato e agendei uma visita. No dia da visita conheci a doutora Giselda Durigan, que estava indo medir um experimento com uma aluna de mestrado. Expliquei a ela que estava lá porque queria um estágio, então ela me convidou para acompanhá-los em outra medição no mês seguinte. No mês seguinte, voltei ao horto e fui a campo pela primeira vez.

IF Sobre o que era o experimento? Era sobre o Cerrado e as medições iriam durar

aproximadamente uma semana. Logo no primeiro dia fiquei muito surpresa com o trabalho, pois era diferente de tudo que já tinha feito. Mas meu preparo físico era péssimo, tanto que passei mal. Eu queria continuar, então, para a surpresa de todos, voltei no outro dia. A partir daí comecei a acompanhar as idas a campo dos alunos de pós-graduação da doutora Giselda e, quando não tinha campo, digitava planilhas. Em 2009, ela me propôs um projeto de Iniciação Científica, que era acompanhar a fenologia e o crescimento de espécies de Cerrado de um arboreto.

IF Como o IF colaborou na sua formação? Foi no período que passei no IF que aprendi e venho aprendendo o que é Ciência e como ela deve ser feita. Além disso, descobri o que realmente me fascina: o Cerrado.

IF Como foi ser premiada duas vezes em primeiro lugar no Seminário de Iniciação Científica? Ter o trabalho premiado por duas vezes foi muito gratificante. Na verdade não esperávamos ganhar e nem fui para o evento com esse objetivo. O meu objetivo era apresentar o que realizamos da melhor maneira possível, e que as pessoas entendessem e gostassem da mesma maneira que eu. A premiação me fez muito feliz, pois é um indicativo de que o objetivo foi cumprido ■



“...aprendi e venho aprendendo o que é Ciência...”

O ESFORÇO DOS CIENTISTAS PARA SE APROXIMAREM DA SOCIEDADE

Diretor de Ciências Agrárias, Biológicas e da Saúde do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Paulo Sérgio Lacerda Beirão conversou com o **IF Notícias** sobre a importância de aproximar o conhecimento científico e sua produção do cotidiano das pessoas. “Cada vez mais, devem ser levadas informações pertinentes ao cidadão e que tenham um fundo científico”, afirma o pesquisador. Mudanças no Currículo Lattes têm permitido aos cientistas serem avaliados também pela divulgação que fazem de seu trabalho fora dos meios acadêmicos, inclusive em blogs e redes sociais.

IF Qual sua visão sobre a divulgação científica, levando em conta a tendência de popularização da Ciência?

Eu acho muito importante e o CNPq está valorizando a divulgação e a popularização por várias razões. Primeiro é importante disseminar a cultura científica entre a população. Não é só difundir o conhecimento das novas descobertas, mas também a questão do método científico e a atitude da Ciência de não aceitar qualquer coisa sem a busca da validação, da verificação e da comprovação. Isso é importante até para a formação do cidadão. Depois é importante também desmistificar a figura do cientista, que é um pouco caricaturada, como se fosse necessariamente um gênio, meio maluco, fora dos padrões. Isso só serve para passar a ideia de que nós, os indivíduos normais, não podemos ser cientistas. Isso afasta as pessoas da Ciência.

IF Então como deve ser tratada a imagem do pesquisador científico?

É importante mostrar que o cientista é uma pessoa normal, que aprende o método científico e desenvolve esta metodologia, que é capaz de usar esta metodologia para resolver problemas, seja do avanço do conhecimento seja daqueles que têm a ver com nosso dia a dia. Ainda dentro dessa perspectiva, o importante é salientar a beleza que tem na Ciência e despertar o interesse e a vocação em jovens talentosos. E, no Brasil, precisamos estimular essas vocações porque a proporção de pesquisadores, em relação à população, está abaixo da média mundial. Isso pode responder, em grande parte, a nossa dificuldade em desenvolver a sociedade do conhecimento e uma economia baseada no conhecimento, como se espera para o século XXI.

IF Como a população deve ser informada sobre a Ciência?

Cada vez mais, devem ser levadas informações pertinentes ao cidadão e que tenham um fundo científico. Só para citar alguns exemplos, a questão das células-tronco e se nós vamos utilizar energia nuclear ou não. São decisões que devem ser tomadas pelo país, pelos cidadãos e que precisam do embasamento científico. Então, ter uma população bem informada e com acesso à divulgação científica é muito importante para a tomada de consciência nessas decisões. E é importante também dar um retorno para sociedade do que se faz em termos do avanço do conhecimento. O Brasil tem produzido muito conhecimento. Uma parte a sociedade não tem acesso, ficando difícil apropriar-se desse conhecimento para o avanço econômico e social.

IF Quais ferramentas o CNPq usa para promover o contato da sociedade com a Ciência?

Nós temos algumas ações específicas para apoiar essas iniciativas, seja através de museus e de publicações. Isso funciona por meio das chamadas públicas para obtenção de recursos. E o CNPq está estimulando que no julgamento dos projetos e nos processos de Bolsa de Produtividade Científica sejam incluídas as atividades de divulgação científica. Até recentemente não tínhamos mecanismos para apurar essas atividades, pelo menos de uma forma sistematizada. Agora temos e o fazemos através de uma modificação que foi introduzida no nosso Currículo Lattes, o currículo padrão usado pelo CNPq e também pela maioria das agências brasileiras. Então, nesse currículo, o pesquisador tem condições de identificar as ações que são voltadas para divulgação da Ciência e elas podem ser então evidenciadas com mais clareza nos processos de avaliação. A Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) está estimulando essa atividade também nos cursos de pós-graduação.

IF O senhor acha válido e importante o uso de blogs e de redes sociais?

Sem dúvida. Inclusive no Currículo Lattes tem espaço para inserir vídeos que estão no You Tube, ou então links para redes sociais. Os comitês vão ter acesso a esse material, que terá sua qualidade julgada e avaliada. O nosso foco é estimular os cientistas, que são pessoas bem formadas e qualificadas, a transmitir informações de qualidade em todos os níveis ■



Foto: Paulo A. Muzio

Beirão: blogs e redes sociais também são valorizados no Currículo Lattes

PARQUE ALBERTO LÖFGREN: EXTENSÃO DA SALA DE AULA



Foto: Suzetti Leme Gonçalves da Silva

Kátia Mazzei e
Ricardo Marcelo
Giacom em
atendimento
aos alunos

Para muita gente, visitar o Parque Estadual Alberto Löfgren pode ser apenas sinônimo de lazer e contato com a natureza. Mas essa unidade do Instituto Florestal, na zona norte de São Paulo, está sendo uma fonte de informações sobre patrimônios artístico, arquitetônico, histórico, científico e ambiental para os alunos da rede estadual de ensino. A ação é fruto do convênio entre a Curadoria do Acervo Artístico e Cultural dos Palácios do Governo e a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), como parte do programa “Cultura é Currículo”. A intenção é levar para o Horto Florestal 2 mil alunos dos 8º e 9º anos do ensino fundamental até o final de outubro.

Originalmente, o passeio se resumia a uma visita à parte interna do Palácio do Horto, com a finalidade de explorar o conceito de patrimônio artístico e arquitetônico. A partir do momento em que o Governo do Estado transferiu a administração do palácio para o IF, o roteiro foi ampliado. Hoje, os alunos visitam também o Museu Florestal Octávio Vecchi, passam pelo marco do Trópico de Capricórnio e caminham pela área aberta do Parque. Nessa nova abordagem, é trabalhado o conceito de patrimônio de forma mais complexa, deixando de apresentar apenas a visão artística e arquitetônica.

Kátia Mazzei, Pesquisadora Científica do Instituto Florestal, acompanha as turmas e recentemente teve a grata surpresa de receber um grupo da escola em que estudou: a Escola Estadual Professor Carlos de Laet. A experiência é transformadora, pois além de apreciarem o palácio e o museu, muitos se entusiasmam com os animais e a flora do parque.

O próximo desafio é celebrar um novo convênio em 2013 com a FDE. O objetivo é explorar ainda mais a beleza da paisagem e a vocação do Instituto Florestal e do Parque Estadual Alberto Löfgren em popularizar o conhecimento científico produzido em diversas áreas ■

Parcerias

CURSO DE COMBATE E PREVENÇÃO A INCÊNDIOS NAS UCs DE ANGATUBA



Foto: Bárbara H. S. Prado

A Estação Ecológica de Angatuba, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e a Prefeitura de Angatuba, realizou este ano dois cursos de prevenção e combate a incêndios florestais. As

aulas teóricas, contando com material didático apostilado, aulas práticas para a preparação dos equipamentos básicos e a realização de uma ação de combate a um incêndio controlado. Os trabalhos atenderam às expectativas dos participantes e organizadores, que além do treinamento em combate e prevenção de incêndios forneceram instrução em primeiros atendimentos aos socorridos e na segurança dos brigadistas. As atividades práticas tiveram o apoio do Corpo de Bombeiros de Itapetininga, que esteve presente para garantir a segurança.

Os trabalhos permitiram a elaboração de um cadastro de brigadistas, veículos, implementos e equipamentos disponíveis para os casos que necessitem de atendimento. A brigada está formada por equipes dos dois municípios que compreendem a E. Ec. de Angatuba, Angatuba e Guareí, com plantão de atendimento 24 horas. Trinta e três brigadistas provenientes do bairro dos Leites, das empresas Klabin, Theoto, Granja Alvorada, Resiflor, Agroflorestal Lavras (situadas na área do entorno da Estação Ecológica) e funcionários das prefeituras, da Santa Casa de Angatuba e da Guarda Municipal se formaram nestes cursos ■

Aula prática de
combate a incêndio

atividades foram realizadas na Floresta Estadual e Estação Ecológica de Angatuba e tiveram o objetivo de preparar uma brigada de incêndio para proteger essas Unidades de Conservação (UCs) do IF e as áreas do entorno.

Os cursos, ministrados em 2 e 3 de julho e 20 e 21 de agosto, fazem parte do Programa de Proteção da Estação Ecológica de Angatuba. A proposta para concretizá-los nasceu durante as reuniões bimestrais do Conselho Consultivo, e através de parcerias foi viabilizada a realização das duas atividades.

Os cursos se desenvolveram por meio de

Foto: Valdir de Cicco



Pesquisadores do IF em atividade de campo para elaboração do Plano de Manejo

DEFININDO AS DIRETRIZES DA FLORESTA ESTADUAL SERRA D'ÁGUA

Dezenas de representantes da sociedade civil e entidades governamentais e não governamentais participaram das duas oficinas de planejamento participativo para a elaboração do Plano de Manejo da Floresta Estadual Serra d'Água (Feseda), em Campinas. Os encontros, realizados em 12 e 26 de setembro no auditório do Parque das Águas (Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento de Campinas - Sanasa), foram organizados para esclarecer a população sobre as características físicas e sociais da área protegida e receber sugestões para elaboração do documento final.

A Feseda foi criada em dezembro de 2010. Seus 51,9 hectares estão em área urbana e formavam a Fazenda Remonta, uma área da Fazenda Pública do Estado que estava sendo disponibilizada para venda. Essa intenção causou uma mobilização em várias escalas, em diferentes setores do governo e no município de Campinas, por meio de segmentos da sociedade civil e do Ministério Público.

Para a adequada gestão da Floresta Estadual Serra d'Água, pesquisadores do Instituto Florestal estão empenhados na elaboração do Plano de Manejo. Nas oficinas, houve a apresentação dos levantamentos temáticos das áreas de Uso e Ocupação da Terra, Recursos Hídricos, Meio Físico, Vegetação, Fauna e Patrimônio Cultural, discussões sobre o zoneamento preliminar da Unidade de Conservação e uma proposta de composição do Conselho Consultivo.

O Instituto Florestal já realizou estudos que possibilitaram a elaboração de diversos Planos de Manejo do Sistema Estadual de Florestas (Sieflor). Neste em particular, todos os trabalhos foram realizados por pesquisadores da instituição. Um fato inédito é que, diferentemente de outros planos que são elaborados para Unidades de Conservação já consolidadas, este trabalho parte da "estaca zero", com a implantação da área protegida

tendo como base o documento em preparação.

Representantes de diversos órgãos e entidades participaram das reuniões, como o Ministério Público do Estado de São Paulo (MP), a Sanasa e a Associação de Educação "Homem do Amanhã" (AEDHA), também conhecida por "Guardinha", e que atua em um remanescente de área verde adjacente à unidade.

A Feseda está inserida em uma região que sofre com especulação imobiliária e expansão urbana. Apesar de pequena, a unidade possui grande importância. Além de ser um espaço potencial para a inclusão social da comunidade do entorno, apresenta condições para integrar um contínuo de áreas verdes com o objetivo de estabelecer trampolins ecológicos, ou mesmo um corredor ecológico até a Estação Ecológica de Valinhos.

O promotor do MP de Campinas, José Roberto Carvalho Albejante, esteve muito envolvido desde a ideia da criação da unidade, a identificação de seu potencial e a reversão do processo de alienação junto à Assembleia Legislativa. Para ele, que defende a construção de um modelo urbano sustentável, "a expectativa do Ministério Público, não só em relação à Feseda, mas para outros lugares de Campinas que tenham natureza pública, é preservar não só sob o ponto de vista da sua importância natural, mas daquilo que pode representar na qualidade de vida das cidades."

O Plano de Manejo da Floresta Estadual Serra d'Água deve estar concluído até o final do mês de novembro.

Curiosidade

O mapa da Floresta Estadual Serra d'Água assemelha-se à forma de um pica-pau. Coincidentemente, uma das espécies de aves encontrada na Unidade de Conservação durante o levantamento de fauna foi o pica-pau-do-topete-vermelho (*Campephilus melanoleucos*), em extinção no Estado de São Paulo ■



Foto: Octavio Campos Salles



Mapa: Marina Mitsue Kanashiro

A Feseda está praticamente cercada por áreas urbanizadas. Seu desenho lembra o pica-pau-do-topete-vermelho

PESQUISADOR DO IF DESCREVE NOVA ÁRVORE DA MATA ATLÂNTICA

Foto: Leni Meire Lima



Pesquisador científico João Batista Baitello analisa exsicatas

Bioima historicamente mais explorado devido à ocupação humana na faixa litorânea brasileira, a Mata Atlântica tem um potencial que ainda garante descobertas. É o caso da *Ocotea marumbiensis* Brotto & Baitello, espécie da família Lauraceae, popularmente conhecida por canela, descrita recentemente pelo pesquisador científico do Instituto Florestal, João Batista Baitello, em parceria com o mestre pela Universidade Federal do Paraná, Marcelo Leandro Brotto.

A *Ocotea marumbiensis* Brotto & Baitello é encontrada em uma faixa entre 700 e 1.230 m de altitude da floresta atlântica do Paraná e de Santa Catarina, região Sul do país. Por ser rara em sua área de ocorrência, está categorizada nos critérios da IUCN (sigla em inglês para União Internacional para Conservação da Natureza) como “Em Perigo” de extinção. Parte de seu nome faz alusão ao Pico do Marumbi, local onde foi localizada a maior população até o momento.

com frutos de maio a novembro. O Herbário Dom Bento José Pickel (SPSF), do Instituto Florestal, armazena duplicata do *typus* da nova espécie.

Herbário

De acordo com a Rede Brasileira de Herbários, da Sociedade Brasileira de Botânica, o Herbário SPSF é o sexto maior do estado na lista dos doze principais acervos que contribuíram para o projeto “Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo”, apoiado pela Fapesp e pelo CNPq.

Em 1942, recém-contratado pelo Serviço Florestal, o biólogo e monge beneditino Dom Bento José Pickel deu continuidade a um herbário iniciado na Seção de Introdução de Essências por Mansueto Koscinski. Com a condução do biólogo chefe do Museu Florestal Octávio Vecchi, ele levou consigo o acervo e a curadoria.

Em 1960, Dom Bento aposentou-se legando um acervo de 5.515 exsicatas (amostra de planta prensada e seca, fixada em uma cartolina e com informações sobre o vegetal, coletor e local de coleta). Nesse ínterim, o Serviço Florestal deu origem ao atual Instituto Florestal. Nos 16 anos seguintes, o Herbário esteve inativo, até que, em 1976, o então biólogo João Batista Baitello assume a curadoria e retorna o acervo biológico e bibliográfico para a Divisão de Dasonomia (Seção de Madeira e Produtos Florestais).

Desde 2004 a coleção faz parte da rede *speciesLink*, com 100% disponível para consultas online. O Herbário é credenciado como “Fiel Depositário de Amostras de Componentes do Patrimônio Genético”. A coleção é representativa e referência das Spermatophyta do Estado. Seu acervo já ultrapassou 46 mil exsicatas, com 7.098 espécies, 310 famílias e 1.750 gêneros, a maioria do Estado de São Paulo (87%), Paraná (4,7%) e Minas Gerais (3%) ■

Fotos: Adaptado de Rodriguesia 63(3): 2012



a) detalhe de um par de domácias da face inferior da folha; b) detalhe de um estame com 4 locelos; c) ramo com flores amareladas; d) frutos imaturos; e) frutos maduros

A descrição dessa 31ª espécie arbórea do gênero *Ocotea* no Paraná ocorreu graças ao material proveniente de um recente estudo fitossociológico realizado na Torre da Prata, na Serra do Mar daquele estado. Essas coletas foram realizadas a partir de 2006 por Brotto. Também foram analisadas as coleções depositadas nos herbários do Museu Botânico Municipal (MBM) e da Universidade Federal do Paraná (UPCB), localizados em Curitiba.

Essas árvores podem chegar a 15 metros de altura, têm flores hermafroditas e o fruto, quando maduro, é preto lustroso. Ela é encontrada com flores de janeiro a outubro e

